

Diretora sai para não morrer

Denúncia à polícia foi o fim do sonho

O corpo é ágil, estatura baixa. Os olhos amendoados, um tanto sobre o escuro, brilham quando fala das crianças de Ceilândia. A cabeça, ar determinado; só se abaixa à lembrança do motivo que a obrigou a abandonar seu trabalho na Escola Classe 7, na qual foi eleita por alunos e professores para o cargo de diretora pedagógica. A professora Euci foi ameaçada de morte por três jovens, quando saía da 15ª DP, em Ceilândia, em abril passado. Acabara de prestar um depoimento de três horas, contando a invasão da escola por um grupo de toxicômanos.

— Foi o melhor trabalho que realizei. As crianças de Ceilândia mudaram minha cabeça, minha forma de ver a vida. Mas tenho três filhos, ainda não está na minha hora de morrer — diz a professora, que não quer ter seu nome divulgado por completo, nem o endereço da escola para onde se transferiu. Euci não esconde o medo de voltar, sequer pensa na possibilidade, mas lamenta profundamente a interrupção do trabalho iniciado. Quarenta anos de vida, 19 de magistério, três anos de Ceilândia.

Depois de insistentes apelos de uma amiga, Euci aceitou trabalhar na Fundação Educacional do Distrito Federal, que a escalou para trabalhar na Escola Classe 7. Combinou 20 horas-aula semanais, cumprindo as outras 20 no Colégio Marista de Taguatinga, onde lecionava há 10 anos. Religião e Educação Artística eram as disciplinas sob sua responsabilidade.

— Como eu podia falar de justiça divina, se os alunos sequer tinham o que comer. Muitos desmaiavam em sala, durante a aula — relembra. Sem saber o que ensinar, Euci procurou apoio no diretor do Colégio Marista, escola católica.

— Lá eu consegui um programa para o ensino da religião formulado pela CNBB — conta. O que Euci não sabia, na época, é que o seu programa era inspirado na Teologia da Libertação. Texto de Dom Hélder Câmara, ex-arcebispo de Olinda e Recife, e do sociólogo Paulo Freire. Não sabia quem tinha feito, mas concordava com as idéias. Foi a única forma de ensinar religião, falando de coisas palpáveis para “aquele bando de crianças famintas e revoltadas”.

As aulas de Educação Artística foram transformadas em aulas de artesanato, nas quais as crianças aprendiam a fazer trabalhos que lhes rendiam dinheiro nas feiras de domingo. No fim do ano, a Fundação Educacional enviou um questionário para saber dos



Polícia é uma rotina nessas escolas de Ceilândia

alunos como haviam recebido as aulas de Religião e Educação Artística.

— Eu modificara o programa sem consultar a Fundação, fiz o que achei melhor — diz Euci.

A Fundação, no entanto, flagrou a modificação na forma de resposta de um aluno de 12 anos: “Descobri que pobre com fome rouba e é preso, e que rico rouba sem fome e vai para o estrangeiro”.

No ano seguinte, Euci não dava mais aulas de Religião nem Educação Artística, mas continuava na escola como orientadora pedagógica, cercada pelo carinho dos alunos.

— Perdi a conta das vezes em que corri para o banheiro, fugindo de marginais da região que invadiam a escola. Alguns acabaram meus amigos, e ainda respeitavam minha presença. Mas a maioria nos ignorava ostensivamente — relembra.

A noite em que a escola foi invadida por um grupo de toxicômanos, no fim de março, delimitou o tempo de permanência de Euci em Ceilândia. Ela encontrou pela manhã uma das salas de aula completamente destruída. No chão, seringas hipodérmicas, agulhas, papalotes de cocaína, e sangue espalhado pelas paredes. Acompanhada do diretor José Augusto Holanda, denunciou o caso à polícia. (S.S.)